

Artigo recebido em

20/09/2014

Aprovado em

21/10/2014

**MAGNOS  
CASSIANO**

**CASAGRANDE**

Universidade Federal de  
Santa Maria (UFSM) –  
magnoscassiano@yahoo.  
com.br

Mestre em Comunicação  
Midiática pela UFSM.

Bacharel em Publicidade e  
Propaganda pela UFSM.

**ADAIR CAETANO  
PERUZZOLO**

Universidade Federal de  
Santa Maria (UFSM) –  
acperuzzolo@gmail.com  
Professor no Programa  
de Pós-graduação em  
Comunicação Midiática  
da UFSM. Doutor e  
Mestre pela Escola de  
Comunicação da UFRJ e  
pós-doutor com estágio na  
Universidade Autônoma de  
Barcelona.

**FABIANO  
MAGGIONI**

Universidade Federal de  
Santa Maria (UFSM) –  
fabianomaggioni@yahoo.  
com.br  
Mestre em Comunicação  
Midiática e doutorando  
do Programa de  
Pós-graduação em  
Comunicação Midiática da  
UFSM.

# Do embate físico para o discursivo: enunciação de valores sobre a violência no futebol por *Folha de S.Paulo* e *Zero Hora*

**Magnos Cassiano Casagrande, Adair Caetano Peruzzolo e Fabiano Maggioni**

## Resumo

O estudo investiga a enunciação de valores humanos, sociais e culturais a respeito do fenômeno sociocultural da violência no futebol, via efeitos de sentido de tematização, por enunciadores dos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora e reflete sobre aspectos sociais e históricos que sustentam a manifestação desses valores. O enfoque teórico-metodológico adotado na análise das materialidades jornalísticas baseia-se na Análise do Discurso, na Semiologia dos Discursos e na Teoria da Enunciação. A enunciação dos valores emerge permeada por uma dimensão persuasiva e atua na constituição do lugar assumido pelo jornalismo esportivo frente a eventos futebolísticos com violência.

## Palavras-chave

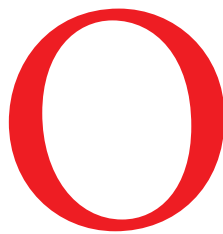
Discurso, Valores, Efeitos de tematização, Jornalismo esportivo, Violência no futebol.

## Abstract

The study investigates the discursive construction of human, social and cultural values regarding the sociocultural phenomenon of violence in football, track effects of sense of thematization, for enunciators the newspaper Folha de São Paulo and Zero Hora and reflects on the social and historical aspects that support the manifestation of these values. The theoretical-methodological approach adopted to analyze the journalistic materiality relies on Discourse Analysis, in Semiology of Discourse and Theory of Enunciation. The discursive construction of values emerges permeated by a persuasive dimension and acts in the constitution of the place taken by sports journalism across the footballing events with violence.

## Keywords

Discourse, Values, Effects of theming, Sports journalism, Football violence.



futebol é um esporte que tem por essência a coletividade. Torna-se, dessa maneira, um integrante fundamental do que Murad (2012) chama de cultura das multidões. Coletivo, democrático e extremamente popular, o futebol é um instrumento que possui grande capacidade de integração social. Dotado de um espírito lúdico, encontra fundamento, em tese, como assevera Murad (2007, p. 12), “na igualdade de oportunidades, no respeito às diferenças e na assimilação de regras e convivência com o outro”. Preza o coletivo sem deixar de valorizar o individual e coloca ambos em sintonia. Gerador de excitação e com uma natureza lúdica, o futebol é integrante, segundo Elias (1992), de um processo de civilização.

O futebol está baseado no enfrentamento, na competição, no “um *versus* o outro”. Com o enfrentamento, abre espaço para o conflito, que, por sua vez, gera a violência. Ao longo dos anos, desenvolveu regras para, além de tornar o jogo mais dinâmico, diminuir os atos de violência, punir os responsáveis e encontrar modos de convivência com o fenômeno. O mesmo ocorre e precisa ser feito em relação à violência praticada por espectadores. Maffesoli (1987, p. 97) escreve que a violência “deve ser o objeto de uma negociação perpétua”. Sem a presença massiva das torcidas, dificilmente tal esporte teria se tornado o mais popular do mundo. Afirma-se que, sem elas, o futebol, ao menos o profissional, não teria sentido, pelo simples fato de ele necessitar do público, dos consumidores.

A violência entre torcedores trata-se realmente de um “evento de exceção” no universo futebolístico, como mencionam

Gastaldo e Helal (2013, p. 120). Todavia, é um fenômeno sociocultural preocupante que merece observações e análises constantes. Sendo um índice interno do processo social, como assinala Wisnik (2008), o qual enfrenta variadas situações de violência, como afirmam, por exemplo, Maffesoli (1987) e Sodré (2002a), o futebol é atingido pela violência existente na sociedade como um todo, conforme explicam Elias (1992), Helal (2007) e Murad (2012; 2007). Aspectos como a impunidade, a ilegalidade, o tráfico de drogas, o crime organizado, a corrupção, o descaso com a segurança, dirigentes e policiais despreparados e a educação desqualificada são geradores de violência na sociedade e aparecem diluídos também no futebol. Aos aspectos mencionados, acrescentam-se o excesso no consumo de álcool nos arredores das praças esportivas, a motivação causada pelo anonimato, a relação entre clubes e torcedores organizados, as condições em que o espetáculo se realiza e o prazer em cometer atos de violência.

O manuseio midiático do tema da violência é frequentemente utilizado, segundo Charaudeau (2006), como uma estratégia de captação da audiência, pois integra um conjunto de temas – medo, catástrofes naturais, mortes, acidentes – que afetam facilmente o lado emocional dos seres humanos. Sodré (2002a) aponta que a violência é, com frequência, representada com sensacionalismo e dramaticidade demasiada. Por vezes, há deslize, generalizações e transformação da violência em espetáculo midiático. Pensa-se que o jornalismo esportivo dá visibilidade à violência no futebol, permite que vozes manifestem-se ao mesmo tempo em que silencia outras e configura-se

como o principal agente na formação da opinião pública a respeito do fenômeno. Gastaldo (2003, p. 2) afirma: “A menor exigência de ‘objetividade’ de um jornalista esportivo faz com que os discursos da imprensa esportiva sejam mais passíveis de manifestação de elementos simbólicos da cultura na qual se inserem”. Aos pesquisadores do campo da comunicação cabe analisar as interfaces que se montam entre o campo e o fenômeno. Aborda-se aqui a interface jornalismo esportivo, discurso e violência no futebol.

O discurso jornalístico acerca do fenômeno supracitado sustenta-se por valores, os quais, segundo Peruzzolo (2014), atuam como “mecanismos de interpretação do mundo, criados por grupos humanos em meio a sua luta pela sobrevivência e pela majoração desta” e representam “a importância que um objeto, ideia ou situação assumem na relação com o sujeito”. Destaca-se que os valores podem também ser negativos. Hessen (1974, p. 60) sinaliza que um valor negativo ou desvalor “não elimina inteiramente o valor”, ele continua “de certo modo, valor, embora negativo. Aquilo que é eliminado é simplesmente a positividade do valor, não o valor”. A persuasão acerca de valores rege os intuítos dos sujeitos comunicantes.

Os intuítos dos enunciadores de um texto jornalístico é fazer com que o destinatário compartilhe, usufrua e aceite os valores propostos e transforme-os em valores úteis para sua vivência. Com efeito, ao propor um valor, o enunciador não o coloca simplesmente em um discurso, ele embrulha-o, empacota-o em uma série de relações para fazer com que a relação de comunicação estabelecida entre ele e o destinatário tenha o resultado desejado. Cabe a este último sujeito a função de

interpretar e optar por seguir ou não o caminho estabelecido pelo enunciador, ou seja, cabe a ele construir e movimentar os sentidos, pois é o consumo, a leitura e a compreensão que valorizam o texto.

Desse modo, como objeto teórico do estudo, toma-se o discurso jornalístico, espaço de interação entre os sujeitos em que circulam intenções, acionam-se estratégias, produzem-se efeitos e constituem-se valores. A afirmação de valores decorre da produção de efeitos de sentido, fenômenos sociais imbricados em condições socioculturais, que, por sua vez, surgem em um discurso através do acionamento de estratégias discursivas, um conjunto de procedimentos disponíveis aos sujeitos comunicantes para ser acoplado a uma materialidade.

Como objeto empírico, tomam-se materialidades jornalísticas produzidas pelos jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora*. Sobre um *corpus*<sup>1</sup> de vinte e oito textos jornalísticos que abordaram a questão da violência no futebol, formado entre agosto de 2012 e maio de 2013, aplicam-se pressupostos teórico-metodológicos da Semiologia dos Discursos e da Análise dos Discursos, abarcados pela Teoria da Enunciação. Com efeito, o processo analítico da presente investigação norteia-se pela identificação e análise de valores, via efeitos de tematização, que são construídos discursivamente pelos referidos dispositivos jornalísticos para propor explicações, opiniões, causas e consequências de atos violentos que ocorrem tendo como pano de fundo o futebol. Conseqüentemente, identificam-se valores humanos, sociais e culturais que aparecem nas formas de tematização, no modo como os enunciadores elaboram o eixo temático do seu dizer.

1- O corpus originou-se de uma coleta inicial de 125 textos.

## Discurso jornalístico e o efeito de tematização

A relação de comunicação estabelecida entre uma instituição midiática e seu público realiza-se através de uma representação materializada: a mensagem. Os valores afirmados e manuseados pelo discurso jornalístico chegam até os leitores através da mensagem, a qual está carregada de estratégias discursivas que produzem diversificados efeitos de sentido, com intuito de persuadir o público sobre o que diz um texto.

A compreensão do discurso jornalístico depende do modo como os textos estão organizados e dos sentidos resultantes dessa organização, bem como dos “discursos de representação” instaurados em quem produz e em que recebe os textos, como assinala Charaudeau (2006, p. 242). Toda materialidade jornalística é dotada de “efeitos de sentido possíveis”, os quais são resultado do ato da instância de enunciação de idealizar um destinatário e organizar um discurso orientado por efeitos de sentido visados, os quais podem ou não ser identificados pela instância de recepção, a qual pode ainda produzir outros efeitos. Ressalta o autor que os efeitos de sentido possíveis correspondem em parte às intenções da instância de enunciação e em parte ao sentido elaborado por um receptor. Assim, um texto jornalístico está repleto de efeitos possíveis.

Como sublinha Vizeu (2003, p. 108), “é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem discursos”. Logo, o discurso jornalístico é um dos lugares no qual a relação entre os sujeitos da enunciação é organizada, bem como é o lugar onde os sujeitos constroem-se e são construídos. Devido a isso, compactua-se com Verón (2004, p. 236) quando diz que

“Um discurso é um espaço habitado, cheio de atores, de cenários e de objetos, e ler é ‘movimentar’ esse universo, aceitando ou rejeitando, indo de preferência para a direita ou para a esquerda, investindo maior ou menor esforço”. Nesta relação, temos um sujeito, o enunciador, que tem a função de formular um dizer e colocá-lo em uma materialidade com intuito de produzir determinados efeitos de sentido. Já o enunciatário realiza um processo de interpretação, ou seja, reconstrói aquilo que foi produzido pelo enunciador e movimenta sentidos. Assim sendo, como salienta Fiorin (2008), o enunciador precisa identificar-se com um discurso.

No espaço existente e construído entre os sujeitos, segundo Bakhtin (1986), é que o discurso acontece, o que resulta em um espaço de diálogo entre sujeitos. O caráter intersubjetivo do discurso é caracterizado pela constituição do *eu* através da relação com o outro, desse modo, a alteridade é parte constituinte de cada ato enunciativo do sujeito.

Utilizando-se de materialidades vindas de dispositivos midiáticos, faz-se necessário uma breve conceituação dessa categoria. Entende-se que o dispositivo é um lugar que precisa ser respeitado, é poroso e derrama-se por entre outros maiores, os quais lhe impõem funcionamentos estruturais, como afirmam Mouillaud (1997) e Charaudeau (2006). A referida noção serve para a presente investigação para lembrar as necessárias amarras dos jornais com os demais campos da cultura. As reportagens dos jornais a respeito da violência no futebol, por exemplo, estão embutidas no dispositivo jornalístico esportivo e no dispositivo jornalístico impresso, que, por sua vez, estão embutidos em outro mais amplo, o midiático, o qual

influencia e é influenciado por diversos campos culturais.

A visão apresentada pelos autores pode ser considerada ampla e genérica. Para o presente estudo, compactua-se com a noção de dispositivo de enunciação, apresentada por Verón (2004) e Peruzzolo (2004). Afirmar-se que a noção de dispositivo de enunciação desenvolvida pelos autores é mais restrita que a anterior e faz referência à montagem de um processo que se dá na enunciação discursiva, ou seja, é uma engrenagem que faz funcionar uma realidade discursiva. Com efeito, é possível dizer que é o dispositivo que revela a montagem do discurso. Pensando o dispositivo da enunciação no jornalismo impresso, entendemos que este é uma instância responsável pela constituição de discursos e que contribui na persuasão do outro, no qual sujeitos com intenções e orientados por valores específicos assumem posições e constroem seus lugares, construindo, conseqüentemente, o lugar do outro no discurso.

Os efeitos de sentido construídos em um discurso guiam-se pelo valor existencial que representam para os sujeitos envolvidos no processo comunicacional. A análise dos efeitos de sentido de tematização consiste em desvendar os fluxos temáticos e os investimentos figurativos acionados pelos enunciadores com intuito de elaborar um discurso sustentado por valores, assim como argumentos, pensamentos e sentimentos. Ressalta-se que a busca por valores, através dos efeitos de tematização traça o caminho de análise do estudo.

A referência a valores é realizada através de temas, os quais podem ser manuseados, afirmados e determinados pelos sujeitos humanos e estruturados em um texto. O tema, como sublinha Peruzzolo (2014),

é tido como um assunto, ou seja, “uma ideia ou núcleo delas que sustenta um pensamento sobre o modo de ser, fazer, crer, sentir e/ou pensar de um sujeito ou objeto ou função”. Com efeito, o tema sempre está ligado a algum valor. Ao desenvolver um tema, continua o autor, “o enunciador tece o discurso com uma trama de argumentos, que são diferentes temas que se imbricam para estruturar os valores de condutas, sentimentos e pensamentos [...] que permitam auferir um princípio moral”. Conseqüentemente, os efeitos de sentido de tematização são produzidos por um conjunto de temas que são dados pelos modos de dizer, de compor e organizar uma materialidade.

Já os investimentos figurativos são responsáveis pela concretização gradual de um tema e representam um acréscimo de qualidade ao mesmo. Como assinala Bertrand (2003, p. 157), considera-se figurativo “tudo que pode ser diretamente referido a um dos cinco sentidos tradicionais [...]; em suma, tudo o que se liga à percepção do mundo exterior”. As figuras, portanto, possuem a função de remeter a algo existente no mundo natural. Exemplos de figuras são os substantivos concretos, os verbos que geralmente indicam ação, as metáforas e os adjetivos relacionados a qualidades físicas.

De acordo com Orlandi (2005), ao analisar discursos, atravessa-se o texto para compreender a constituição de sentidos e de sujeitos. Analisar o discurso significa, portanto, analisar aquilo que possibilita e condiciona a interação entre os sujeitos humanos, pois o discurso, além de ser uma organização dotada de efeitos de sentido, é o meio que possibilita a relação de comunicação.

## Valores, discurso e violência no futebol

As valorações sustentam e condicionam o discurso midiático acerca de um fenômeno sociocultural, como é o caso da violência no futebol. Consta-se nos textos que compõe o *corpus* de análise<sup>2</sup> que valores como cooperação, impunidade, irracionalidade, status, dinheiro, racionalidade, justiça, espírito esportivo, medo, segurança, fanatismo, derrota e vingança são fundantes das construções discursivas. O presente estudo dedica-se basicamente aos quatro primeiros: cooperação, impunidade, irracionalidade e status.

O valor da cooperação sugere uma relação de influência entre autoridades dos clubes de futebol e líderes de torcidas organizadas. Verifica-se que a cooperação é discursivizada, por um lado, com uma face positiva e, de outro, com uma face negativa, sendo que esta é abordada com mais frequência que a primeira. Os traçados temáticos, apresentados a seguir, procuram sintetizar os valores discursivos dos textos jornalísticos do *corpus* e os imbricamentos argumentativos feitos com o intuito de obter adesões opinativas dos leitores, isto é, a fim de produzir persuasão em favor da verdade trabalhada pelo enunciador.

A face positiva está ligada à não violência, ou seja, à existência de uma relação saudável, na qual clubes e torcedores não são prejudicados por atos dissidentes. A cooperação colabora para a carnavalização de uma partida de futebol, ou seja, para as festas nas arquibancadas, utilização de bandeiras, faixas, coreografias e até banda musical. A cooperação mútua é o valor social afirmado para a existência da boa relação entre torcidas e administração dos

clubes. No entanto, a face negativa dessa relação apresenta o valor permeado por um efeito de instabilidade e como um potencial gerador de violência.

A face negativa coloca a cooperação como um ingrediente da mistura entre desorganização e violência, pois permite, como menciona o enunciador de *A lei seca do futebol* (A LEI..., 2013, p. D6), que os clubes concedam privilégios aos torcedores organizados, que financiem viagens e que concedam ingressos para revenda. Os benefícios citados são figurativizados como “regalias” pelo enunciador de *Torcidas em xeque* (TORCIDAS..., 2012, p. 57) e resultam em uma “convivência promíscua” entre clubes e torcedores, como é possível ver em *Espírito esportivo* (ESPÍRITO..., 2013, p. D6), que possibilita, no entendimento do enunciador de *Morte no estádio* (MORTE..., 2013, p. 51), a ação de marginais que “são de grupos organizados cada vez mais influentes nos clubes”. A influência nos clubes gera disputas internas e conflitos entre torcedores do mesmo clube e até da mesma torcida organizada, como se pode observar no confronto entre torcedores gremistas na inauguração da Arena do Grêmio, em dezembro de 2012. Nota-se que temas e figuras imbricam-se em um arranjo discursivo que possui a intenção de movimentar sentidos a respeito de um acontecimento ou de um fenômeno sociocultural, por exemplo. Assim, pode-se dizer, através de Peruzzolo (2004), que temas e figuras evoluem em um texto de forma complementar. Afirma-se ainda que o enunciador escolhe os temas, instala valores e potencializa-os através de investimentos figurativos.

Os enunciadores, com a intenção de criar um efeito ou uma ilusão de objetividade, frequentemente acionam no discurso a voz

2- Nem todos os vinte e oito textos são citados ao longo do artigo. Os textos aqui utilizados referem-se a três situações violentas ocorridas durante a constituição do corpus: Revolta de torcedores palmeirenses: “Torcidas em xeque” (TORCIDAS..., 2012); “Perdedores” (PERDEDORES, 2012); e “Dia da chibata” (DIA..., 2012); Brigas entre torcedores da torcida organizada Geral do Grêmio: “O que explica a violência” (O QUE..., 2012); Morte do torcedor boliviano Kevin Espada, atingido por um sinalizador marítimo arremessado por um torcedor corintiano: “A lei seca do futebol” (A LEI..., 2013); “Espírito esportivo” (ESPÍRITO..., 2013); “Morte no estádio” (MORTE..., 2013); “Clube teme perder receita e diz que morte foi fatalidade”; e “Fábio Santos afirma ser a favor de expulsão se violência acabar”.

de dirigentes, os quais, veementemente negam que tenham envolvimento com os torcedores. No entanto, como apresenta Murad (2012), os clubes fixam relações com as torcidas. Conseqüentemente, os ditos que afirmam o contrário servem apenas para mascarar essas relações que ocorrem na clandestinidade, as quais, além de ilícitas, são maléficas ao futebol e para a maioria dos torcedores.

Constata-se que na convivência mencionada acima, o dinheiro assume carga valorativa importante, em que chefes de torcidas, como aponta o enunciador de *O que explica a violência* (O QUE..., 2012, p. 32-33), agem “embolsando os lucros”, figura discursiva que desperta o sentido de má conduta ou irregularidade. Além disso, os ingressos viram “fonte de renda” que serve para “organizar viagens” e os “clubes fretam ônibus para levar os torcedores dispostos a encarar a estrada”. Com essa última expressão, o enunciador deixa transparecer que não realiza a identificação dos clubes, ou seja, estabelece um silenciamento dos nomes dos clubes, pois, conforme Charaudeau (2006), as palavras podem ocultar e até dissimular ideias e pensamentos do mesmo modo que podem explicitá-los. Dessa forma, nota-se que através de uma generalização, intenta atribuir também a vários clubes a responsabilidade pelas confusões provocadas pelas torcidas, já que são eles que oferecem os benefícios, os quais viram motivos de disputa entre elas.

O valor social (negativo) da impunidade, a respeito da temática da violência no futebol, aparece construído discursivamente como um dos principais motivadores do fenômeno. De maneira geral, ele é tratado, através de um investimento figurativo, como um

“imenso guarda-chuva”, assim como o faz o enunciador do texto *Perdedores* (PERDEDORES, 2012, p. 49). A referida figura indica que a impunidade serve de incentivo e proteção para os violentos, como abordado em *Dia da chibata* (DIA..., 2012, p. 49). De acordo com as análises, que, além de aspectos discursivos aborda aspectos socioculturais e históricos, essa situação é resultado da convivência dos clubes e das organizações que comandam o futebol. Salienta-se que a impunidade foi mencionada em vinte e um dos vinte e oito textos escolhidos para o estudo.

Os textos pertencem a um discurso que produz um efeito de sentido do que Lopes (2012, p. 197) denomina de “imutabilidade da situação”. Para o autor, os materiais discursivos sugerem certo “fatalismo” e manuseiam a impunidade como um “fenômeno permanente e recorrente”, ou seja, apela-se para a estratégia de afirmar a eternalização do valor. Murad (2007), no entanto, reitera que a impunidade é um fenômeno recorrente e assinala que o valor supracitado, além de incentivar novos atos, revela incompetência e má-vontade das autoridades responsáveis. Com efeito, a certeza de que os casos serão punidos, seja com prisões, com proibição da entrada nos estádios, com a necessidade de apresentar-se à delegacia no momento do jogo, mesmo que com penas curtas, mas com a certeza de que estas serão cumpridas, pode ajudar a diminuir consideravelmente o número de atos violentos no futebol brasileiro.

A convivência, para o enunciador de *A lei seca do futebol* (ALEI..., 2013, p. D6), resulta da “falência do futebol sul-americano” em relação a aspectos morais e jurídicos, algo que aproxima desorganização e violência e permite a recorrência de atos ilícitos. Através de Peruzzolo (2014), afirma-se

que a figura hiperbólica “construíram um coquetel molotov”, utilizada no texto, expande e concretiza o sentido de perigo e de morte, que se origina da combinação entre torcedores uniformizados e desorganizadores do evento.

Quando é dito falência da organização do futebol sul-americano, fala-se em permissividade em relação a estádios ruins e desconfortáveis, à violência dentro e fora de campo, a objetos frequentemente atirados em direção a torcedores adversários e em direção ao campo de jogo, à má fiscalização e despreparo policial, à má segurança, bem como a não aplicação de leis e regulamentos e a imposição de penas injustas. Como resultado, tem-se justiça lenta que permite o esquecimento dos fatos e a geração de uma sensação de que a violência não preocupa, criando um efeito de descaso com a maioria dos torcedores e com o esporte. Com efeito, no jornalismo esportivo impresso forma-se uma cadeia temática, quanto ao valor da impunidade, que percorre as materialidades discursivas. A falência de valores éticos e morais resulta em conivência que resulta em permissividade, que gera, por sua vez, a impunidade. Trata-se de uma cadeia que se retroalimenta, temas menores sustentam um tema maior que, juntos, demonstram o modo dos textos de constituírem um valor e produzirem sentido.

A falta de punições adequadas demonstra algo perpetuado em virtude de interesses: “Aí entra a turma do deixa disso nos bastidores e o baile segue”, como diz o enunciador de *Morte no estádio* (MORTE..., 2013, p. 51), ou, “nuances” e “atenuantes”, “se levadas todas em consideração, num efeito cascata, ninguém acaba punido, porque as responsabilidades vão sendo jogadas de uns para os outros

sempre com algum fundamento”, como afirmado pelo enunciador de *Espírito esportivo* (ESPÍRITO..., 2013, p. D6). Além disso, segundo este enunciador, quando as punições ocorrem, elas são drasticamente diminuídas e “se transformam no bálsamo das cestas básicas”.

A punição individual, para o enunciador de *A lei seca do futebol* (A LEI..., 2013) é a solução mais plausível no combate ao fenômeno. No texto, as intenções são arquitetadas através do entrecruzamento de dois discursos: a legislação referente às punições a atos violentos no futebol e a legislação instituída pelo governo brasileiro, no intuito de diminuir as mortes no trânsito, que proíbe e multa motoristas que dirigem após ingerir bebida alcoólica.

As intenções são materializadas e repassadas ao leitor, o qual reconstrói o sentido dos enunciados, segundo Maingueneau (2008, p. 20), “a partir de indicações presentes no enunciado produzido”, de valores, conhecimentos e crenças que orientam sua própria existência e do entendimento dos variados discursos que circulam em uma sociedade. Desse modo, concorda-se com Charaudeau (2006, p. 47) quando diz que “um enunciado [...] depende, para sua interpretação, de numerosos entrecruzamentos entre os discursos de representações que são produzidos numa dada sociedade”. O enunciador propõe que a legislação aplicada aos motoristas e o efeito que ela produz sejam levados também ao futebol, em virtude de haver neste um constante desrespeito à legislação, ou seja, cria um efeito de desconfiança sobre os torcedores já que a simples existência de leis que condenam o comportamento violento não basta. Já a vulnerabilidade no aspecto disciplinar cria um efeito de



incompetência que impulsiona a violência. Com efeito, o enunciador dá a entender que as organizações que comandam o futebol precisam de mecanismos de legitimidade que façam o infrator acreditar que possa ser punido.

O valor da irracionalidade aparece atrelado a um comportamento animalesco atribuído aos torcedores violentos e seus atos. Salienta-se, como afirma Lopes (2012), que tratar o torcedor como animal incita-o a agir dessa maneira. O enunciador de *O que explica a violência* (O QUE..., 2012, p. 32-33) sugere que a irracionalidade é utilizada estrategicamente por alguns torcedores, inclusive para causar medo. Difundindo a ideia de que “são violentos e

## **“O valor da irracionalidade aparece atrelado a um comportamento animalesco atribuído aos torcedores violentos e seus atos”**

irracionais, [...] bárbaros e estão dispostos a qualquer coisa”, buscam aumentar o “cacife” das torcidas e angariar benefícios. A irracionalidade aproxima-se, com efeito, do valor do fanatismo, em virtude desse ser representado por um “amor irrefreável” a um clube de futebol, por acirrar rivalidades e basear um sentimento de superioridade.

A intolerância à presença do outro induz os indivíduos a terem atitudes irracionais, como afirma Murad (2012). A irracionalidade é um valor que sustenta parte do discurso midiático acerca do fenômeno da violência no futebol. Trata-se de um valor que é facilmente acionado, pois é superficial e não aprofunda a

discussão sobre o fenômeno, ou seja, os enunciadores escondem-se do papel que possuem de debater em profundidade uma questão sociocultural de grande relevância e preocupação. Embora no *corpus* de análise não tenham muitas menções diretas à irracionalidade, ela aparece diluída em praticamente todos os textos através de várias qualificações acerca dos praticantes e dos atos violentos. Alguns exemplos são: bárbaros, malfeitores, facínoras, celerados, tresloucado gesto e atrocidade.

As qualificações mencionadas acrescidas de vândalos, fracassados, bandidos, marginais e brigões tematizam os torcedores que praticam atos de violência. Maingueneau (2008, p. 99) destaca que “O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados”. Ao expor seu posicionamento ou, por exemplo, qualificar os sujeitos, o enunciador mostra, claramente, que deseja compartilhar esses aspectos valorativos com o enunciatário, aspectos, os quais, são postos no discurso pelo fato de estarem investidos também no enunciador. Com efeito, o sujeito enunciador espera que os efeitos de sentido por ele visados sejam os mesmos ou ao menos semelhantes àqueles que serão produzidos no momento da leitura de um texto. São proposições do próprio sujeito enunciador que são postas no discurso. Lembra-se que o sujeito enunciador é composto pela totalidade de textos por ele produzidos, os quais formam uma espécie de simulacro em conjunto como os aspectos ideológicos e linha editorial do dispositivo jornalístico e dos companheiros de trabalho.

Os enunciadores creditam a violência a sujeitos de má índole, mau caráter e irracionais. As referidas qualificações pejorativas, embora aplicáveis, apenas reiteram a fama de violentos desses sujeitos, geralmente pertencentes a pequenos grupos de torcedores organizados. Como assevera Murad (2007), aparecer na televisão praticando atos de violência ou ter fotografias demonstrando superioridade, virilidade, valentia que estampam capas e páginas de jornais encoraja esse tipo de torcedor a praticar novos atos, ou seja, sustenta o valor e o símbolo de status que a violência representa para os indivíduos. Através de Sodré (2002), é possível dizer que esses torcedores tentam passar e conservar a autoimagem de seres superiores. Imagem que, de acordo com Wisnik (2008), é precária e revela a fragilidade ou inferioridade dos indivíduos como seres sociais.

O valor do status está associado às vantagens que a violência traz para alguns torcedores. Comportar-se de maneira violenta ou agressiva, ou ter sujeitos com as referidas características dentro das torcidas organizadas, pode dar garantias, conforme afirma o enunciador de *O que explica a violência* (O QUE..., 2012, p. 32-33), de “ascensão de alguns integrantes ao topo das organizações”. Ser violento ou ter a fama de violento significa a possibilidade de “ser chefe”, de “ter influência”, de ter “fama pura e simples” e de garantir “vantagens financeiras”, “presença em partidas importantes” e “pontos na hora da divisão dos benefícios dados pelo clube”. Nota-se a predominância de um discurso de culto à masculinidade e à honra e a disposição para a luta e para o perigo entre os integrantes dos pequenos agrupamentos que prezam pela violência,

como assinala Teixeira (2000). No valor do status há a presença de um efeito narcísico em que se ver praticando atos violentos é uma retroalimentação constante do desejo de cometer novos atos. O discurso da mídia esportiva, como aponta Reis (2006, p. 44), apesar de ter avançado com o exercício de uma função mais informativa e educativa, gera um desejo de “mimetismo” em outros indivíduos e satisfaz o desejo de exibicionismo daqueles que praticam atos de violência, ao exibir constantemente imagens de violência.

### **Considerações finais**

Buscou-se estabelecer uma reflexão com explicações, interpretações e conclusões a respeito de valores relacionados a eventos futebolísticos com violência entre os torcedores, constantes de um certo *corpus* de análise, na qual tentamos ver o lugar da mídia esportiva impressa. A representação materializada responsável por instituir a relação de comunicação entre um sujeito comunicante e o outro assume um caráter singular para cada integrante da relação. Toda representação materializada referencia sentidos e valores nos sujeitos.

Afirma-se que, através do discurso jornalístico, imagens, características e traços dos atores envolvidos com o fenômeno da violência no futebol são elaborados e disseminados, pois ele possui a característica de funcionar como um filtro que busca reconstruir realidades. Ou seja, são os dispositivos midiáticos que constroem e escolhem os valores que são propostos aos leitores, procurando moldar suas opiniões e princípios. Afirma-se que o discurso representa um espaço de interação intersubjetiva que engloba, por exemplo, as materialidades, as intenções dos sujeitos e os valores humanos, sociais

e culturais. Consequentemente, entende-se que, ao absorver valores oriundos dos acontecimentos violentos, reconstruí-los e disseminá-los, o jornalismo esportivo, via discurso, contribui para a movimentação de sentidos e para a promoção, tanto positiva quanto negativa, do debate social a respeito do fenômeno da violência no futebol.

Em textos como *A lei seca do futebol* (A LEI..., 2013) e *Espírito esportivo* (ESPÍRITO..., 2013), notou-se contribuições positivas para as discussões acerca do fenômeno. Neles, os enunciadores instauram um debate sobre a justiça ou não de determinadas punições aplicadas aos atores envolvidos com o fenômeno, questionam as autoridades, os clubes e as entidades que comandam o futebol a respeito da desorganização que permeia o esporte na América do Sul, a qual possibilita frequentes atos de violência, e realizam proposições para tentar diminuir a ocorrência do fenômeno: punições individuais e certeza de punição, punições exemplares, cancelamento dos benefícios e autofiscalização.

Textos como aqueles citados anteriormente e *Morte no estádio* (MORTE..., 2013) e *Dia da chibata* (DIA..., 2012), mesmo sendo de dispositivos jornalísticos distintos, possuem algo que os aproxima: os quatro buscam formas de punição para os atos de violência envolvendo torcidas de clubes de

futebol. Conclui-se que se trata de uma manifestação evidente de que os discursos não estão isolados, certo núcleo de sentido replica entre eles. Nota-se o mesmo eixo temático entre os enunciadores, o que denota a existência de um cruzamento de intenções em prol da constituição de um discurso unitário: os responsáveis pela violência no futebol precisam ser punidos.

Encerrando, conclui-se que o discurso do jornalismo impresso a respeito da violência no futebol está permeado por uma extensa cadeia temático-valorativa capaz de despertar sentidos variados. Entretanto, fica preso aos intuitos do dispositivo midiático e das competências do enunciador. Demonstrou-se aqui uma possibilidade de compreensão do lugar que o jornalismo esportivo assume frente a um fenômeno sociocultural. A mídia esportiva exerce determinada função social ao propor o debate. O fenômeno precisa de discussões e ações combativas frequentes até que se obtenha uma redução drástica nas ocorrências. Além de estádios qualificados, políticas públicas e condições mais propícias para frequentar estádios, a discursivização da violência no futebol deve assumir um caráter essencialmente educativo. Informar faz-se necessário, mais necessário, porém, é produzir a informação com responsabilidade social. O caminho das palavras é mais longo que o da violência, mas é o único humanamente correto.

---

## Referências bibliográficas

- A LEI seca do futebol. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. D6, 14 fev. 2013.  
BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.  
BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica Literária*. Bauru: EDUSC, 2003.  
CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.  
DIA da chibata. Zero Hora, Porto Alegre, p. 49, 8 nov. 2012.

- ELIAS, Norbert. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.
- ESPÍRITO esportivo. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. D6, 25 fev. 2013.
- FIORIN, José Luiz. Em busca do sentido: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.
- GASTALDO, Édison; HELAL, Ronaldo. Homo Ludens e o futebol-espetáculo. Revista Colombiana de Sociologia, Bogotá-Colômbia, 2013, v. 36, n.1. p. 111-122.
- GASTALDO, Édison. A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 27., 2003, Caxambu. Anais eletrônicos... Caxambu, MG: ANPOCS, 2003. Disponível em: \_\_\_\_\_. Acesso em: \_\_\_\_\_.
- HELAL, Ronaldo. O futebol como sistema de comunicação: arena de conflito e integração. Leituras Compartilhadas, 2007, v. 6, p. 38-40.
- HESSEN, Johannes. Filosofia dos valores. 4. ed. Armênio Amado: Coimbra, 1974.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. Discurso sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social. 2012. 589p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Universidade de São Paulo.
- MAFFESOLI, Michel. Dinâmica da violência. São Paulo: Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise de Textos de Comunicação. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MORTE no estádio. Zero Hora, Porto Alegre, p. 51, 22 fev. 2013.
- MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). O Jornal, da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- MURAD, Maurício. A violência e o futebol. São Paulo: Benvirá, 2012.
- \_\_\_\_\_. A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- O QUE explica a violência. Zero Hora, Porto Alegre, p. 32-33, 30 dez. 2012.
- ORLANDI. Eni Puccinelli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PERDEDORES. Zero Hora, Porto Alegre, p. 49, 8 nov. 2012.
- PERUZZOLO, Adair Caetano. Elementos de semiótica da comunicação: quando aprender é fazer. 3. ed. rev. e amp. 2014 (no prelo).
- \_\_\_\_\_. Elementos de semiótica da comunicação: quando aprender é fazer. Bauru: Edusc, 2004.
- REIS, Heloisa H. B. dos. Futebol e violência. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. Sociedade, Mídia e Violência. Porto Alegre: Sulina: Edipucrs, 2002a.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. Esporte e Sociedade, Campinas, 2013, v.1, ano 8.
- TORCIDAS em xeque. Zero Hora, Porto Alegre, p. 57, 8 mar. 2012.
- VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- VIZEU, Alfredo. A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística. Famecos, Porto Alegre, 2003, n. 22, p. 107-116, dez.
- WISNIK, José Miguel. Veneno Remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a Licença Creative Commons 2.5